

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 30 No. 2 2017

ESPECIAL: CRÍTICA FEMINISTA E ARQUEOLOGIA

ARTIGO

NEM TODAS SÃO BETTY OU ANNA:

O LUGAR DAS ARQUEÓLOGAS NO DISCURSO DA ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA

Caroline Fernandes Caromano*, **Meliam Viganó Gaspar****, **Ester Ribeiro Pereira*****, **Márjorie do Nascimento Lima******, **Jaqueline Carou Felix de Lima*******

RESUMO

A produção científica sobre a Arqueologia Amazônica é marcada por duas mulheres, Betty Meggers e Anna Roosevelt. Apesar da inegável contribuição destas arqueólogas para as pesquisas posteriores, podemos afirmar que há equidade entre mulheres e homens na arqueologia dessa região? Realizamos um levantamento da bibliografia de artigos publicados nos últimos quinze anos, por autoras e autores brasileiros e estrangeiros, em treze periódicos nacionais e internacionais. Verificamos que, apesar da alta produtividade das mulheres na Arqueologia Amazônica, elas não são citadas de maneira proporcional, privilegiando-se os trabalhos de homens. Por fim, questionamos se as bibliografias selecionadas representam, de fato, o percentual de arqueólogas e arqueólogos em atividade ou se não são reflexo da iniquidade de gênero na ciência arqueológica.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Produção Científica; Mulheres.

ABSTRACT

The scientific production on Amazonian Archeology is marked by two women, Betty Meggers and Anna Roosevelt. Despite the undeniable contribution of these archaeologists to the research that succeeded their work, could we affirm that there is equity between women and men on the archeology in this region? We have carried out a survey of the bibliography in articles published in the last fifteen years, by Brazilian and foreign authors, in thirteen national and international periodicals. We verified that, despite the high productivity of women in Amazonian Archeology they are not cited in a proportional manner, being noticed a privilege towards men's works. Finally, we question whether the bibliographic selections identified represent in fact the percentage of female and male archaeologists in activity or if they are not a reflection of gender inequity in the archaeological science.

Keywords: Amazonian Archaeology; Scientific Production; Women.

* Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Laboratório de Estudos Evolutivos e Ecológicos Humanos e Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território, Bolsista FAPESP. E-mail: carolcaromano@gmail.com.

** Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território, Bolsista CNPq.

*** Cientista Social, Autônoma.

**** Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Bolsista Capes.

***** Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Biblioteconomia e Documentação.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, a preocupação com questões de identidade se fez presente na arqueologia tanto em relação aos objetos e temas de estudo quanto às próprias arqueólogas e arqueólogos que produzem conhecimento sobre o passado (BARSTOW, 1978; CONKEY & SPECTOR, 1984; GERO, 1983, 1985). Diversos estudos revelaram, então, que as desigualdades e os preconceitos estruturais em nossa sociedade se reproduzem também dentro da arqueologia. Identidades raciais e étnicas, de gênero, classe, etc., passaram a compor o corpo de interpretações na teoria e na prática arqueológica, além de serem fundamentais para se discutir as estruturas de poder e a visibilidade de mulheres e de outros grupos minoritários dentro da academia e de postos de trabalho (CONKEY, 2003; NELSON, 2006; BATTLE-BAPTISTE, 2011; COBB & CROUCHER, 2016).

No Brasil, essas questões ganharam força um pouco mais tarde do que no panorama internacional, sendo que, apenas a partir da metade da década de 1990, trabalhos preocupados com gênero começam a ser publicados em território nacional (RIBEIRO, 2017) e, no contexto amazônico, somente a partir do início dos anos 2000, vemos um crescente interesse nessa perspectiva (p. ex. SCHAAN, 2001, 2009; BARRETO, 2005; GUAPINDAIA, 2008; MACHADO, 2012; MORAES & BEZERRA, 2012). Recentemente, o trabalho de Loredana Ribeiro (2017) e colaboradores (2017) buscou discutir assimetrias de gênero tanto no discurso arqueológico quanto na relação entre arqueólogas e arqueólogos no Brasil.

Somente em 2015, foi elaborado e aprovado um código de ética na Sociedade de Arqueologia Brasileira que inclui, como um dos seus itens, o respeito à diversidade (sexual, racial) e o repúdio a assédios e preconceitos na prática arqueológica, em todos os âmbitos (SAB, 2015). Neste mesmo ano, um zine sobre o machismo na arqueologia foi elaborado por um grupo de mulheres (COLETIVO ESTRATIGRAFIA FEMINISTA, 2015) que, dando continuidade e divulgação aos seus debates, organizou uma roda de conversa entre mulheres, durante o Congresso da SAB, para discutir as questões de gênero na arqueologia brasileira. Ainda na SAB de 2015, ocorreu também um simpósio temático sobre teorias feministas e gênero na arqueologia (RIBEIRO, 2015).

Inspiradas por esses trabalhos e eventos anteriores e pelos questionamentos da arqueologia de gênero e feminista, propusemo-nos a investigar como se dá a representação das mulheres na Arqueologia Amazônica, tentando revelar, em parte, as dimensões de gênero que condicionam as estruturas do fazer científico¹.

O uso de dados quantitativos para analisar a inserção das mulheres na academia, buscando explicações para a permanência da desigualdade entre mulheres e homens, tem aumentado (CAMERON, GRAY & WHITE, 2013:7). A análise de publicações científicas e suas referências é um bom meio de medir essa inserção, já que é por meio de publicações e citações que ideias e teorias são difundidas na comunidade científica, sendo também consideradas por agências financiadoras na escolha de bolsistas e projetos para subsidiar:

¹ Outras questões de gênero (envolvendo abordagens não exclusivamente binárias), raciais e de classe, não serão tratadas aqui, pois ainda não temos dados sistemáticos disponíveis para serem analisados. No entanto, é preciso considerar que, no universo das mulheres na arqueologia, assim como no dos homens, estamos tratando majoritariamente de pessoas brancas de classe média, quadro que tende a mudar nas gerações mais novas com a inserção de outras camadas da população, principalmente, em virtude dos sistemas de inclusão presentes em universidades federais para acesso à graduação.

Frequent publication leads to increased recognition by members of the archaeological community and increased levels of prestige and, as a result, the acceptance and perpetuation of certain archaeological narratives. (BARDOLPH, 2014:523).

Segundo Scott Hutson (2002:331, *tradução nossa*), a “citação é uma declaração, ativa ou passiva, de que trabalho um autor julga ser valioso”, servindo não só como um instrumento para medir desigualdades estruturais na área da arqueologia, como também para modificá-las.

Com base nisso, a Arqueologia Amazônica foi um recorte de pesquisa selecionado por se tratar de um contexto particularmente interessante para investigarmos o prestígio acadêmico das mulheres no Brasil. A produção científica sobre essa região é marcada por duas mulheres, Betty Meggers e Anna Roosevelt, que influenciaram inegavelmente as pesquisas que sucederam os seus trabalhos.

Porém, apesar do destaque das referidas autoras, seria possível afirmar que na arqueologia amazônica há equidade entre os gêneros? Poderíamos presumir que o trabalho realizado por mulheres e homens é igualmente reconhecido nas publicações sobre a arqueologia nesta região? São essas questões que procuramos responder com as análises quantitativas realizadas neste artigo.

AMOSTRAGEM E MÉTODO DE ANÁLISE: TRANSFORMANDO IMPRESSÕES EM NÚMEROS

Nossa pesquisa compreende 102 artigos completos publicados em treze periódicos (Tabela 1) nos últimos quinze anos (entre os anos de 2002 a 2017, com exceção de um artigo de 2000, escolhido por sua representatividade na área). Foram selecionados para análise somente os artigos que tratam de trabalhos arqueológicos na Amazônia por autoras e autores brasileiros e estrangeiros.

Tabela 1 - Relação das publicações selecionadas.

Publicação	Nota CAPES	Artigos analisados
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi	A1	21
Revista de Arqueologia (SAB)	A2	15
Amazônica: Revista de Antropologia (UFPA)	B1	26
Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)	B1	3
Revista de Arqueologia Pública (UNICAMP)	B1	7
Habitus	B2	5
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP)	B2	7
Revista USP	B2	1
Antiquity	A1	1
Latin American Antiquity	A1	4
Journal of Archaeological Science	A1	7

Journal of Archaeological Method and Theory	A1	1
Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America	B1	4

Um banco de dados dos artigos selecionados foi elaborado com a inserção das seguintes informações: o gênero da(o)s autora(e)s e coautora(e)s dos artigos, com base no primeiro nome e, em alguns casos, por meio de pesquisas online; o número de referências citadas no total, com repetição de autora(e)s e coautora(e)s; o número de autora(e)s citada(o)s, sem repetição; o total de autores homens citados, com repetição; o total de autoras mulheres citadas, com repetição; o total de primeiros autores homens, com e sem repetição; o total de primeiras autoras mulheres, com e sem repetição; o total de textos de autocitação de toda(o)s autora(e)s, com repetição, incluindo coautorias.

As referências de organizações, empresas, órgãos do governo, etc., não foram contabilizadas quanto ao gênero. Algumas referências também não foram assim classificadas quando não foi possível identificar o primeiro nome dos autores ou quando os nomes eram neutros. Nenhum destes casos foram considerados nas análises.

Os dados foram analisados no software IBM SPSS, Statistical Package for the Social Sciences (IBM, 2015), e os gráficos gerados no software Excel (MICROSOFT, 2016). A quantidade de citações e de referências foram agregadas em categorias, de maneira a reduzir os efeitos dos pontos desviantes, evitando, assim, um maior enviesamento da análise.

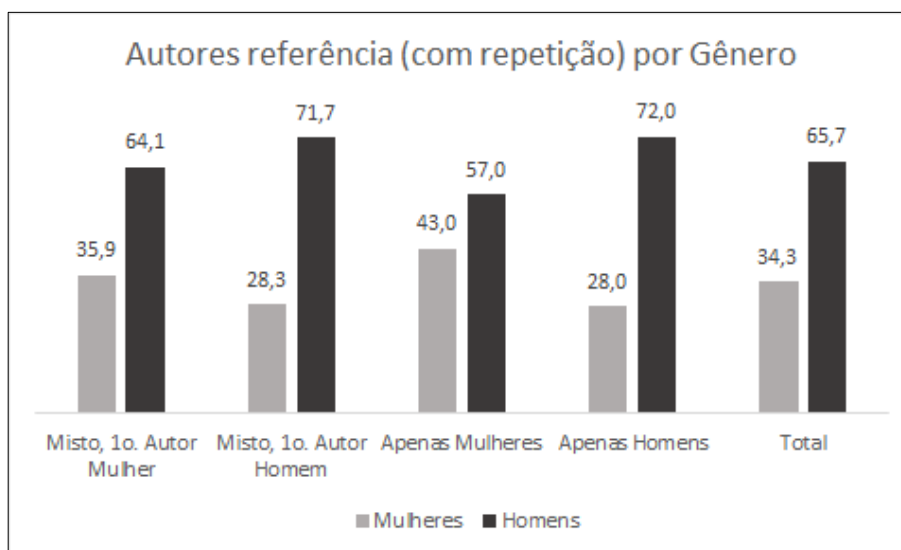
O QUE OS NÚMEROS REVELAM

Dos 102 artigos analisados, 63 foram escritos por mulheres como primeiras autoras, e outras 45 mulheres são coautoras; 39 foram escritos por homens como primeiros autores, e outros 59 homens são coautores. O número total de autoras mulheres dos artigos analisados é de 109 e de homens é 98.

Separamos a análise das citações por quatro grupos de autoria: a) misto com primeira autoria de mulher, com 24 artigos; b) misto com primeira autoria de homem, com 13 artigos; c) apenas mulheres, com 40 artigos; d) apenas homens, com 26 artigos.

Nos quatro grupos analisados, a quantidade de homens citados na lista de referências é maior do que a de mulheres, sendo essa diferença ligeiramente menor quando são contadas todas as citações com repetição nos artigos escritos somente por mulheres (conforme Gráfico 1).

Gráfico 1 - Percentual de citação de mulheres e homens (incluindo autores e coautores) nos quatro grupos de autoria, com repetição das pessoas citadas.



Ao comparar as citações considerando somente a primeira autoria, observamos que o padrão de predominância de homens se mantém, exceto no grupo misto com primeira autoria de mulher. Porém, ao contabilizar as citações excluindo as repetições de primeiras autorias, vemos que todos os grupos, na verdade, citam majoritariamente homens (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 2 - Percentual de citações de mulheres e homens nos quatro grupos de autoria, com repetição de autores.

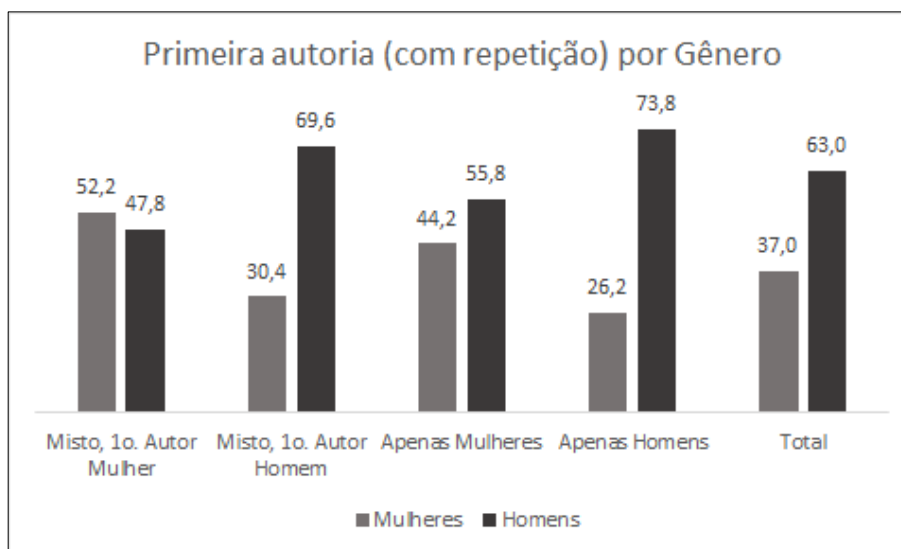
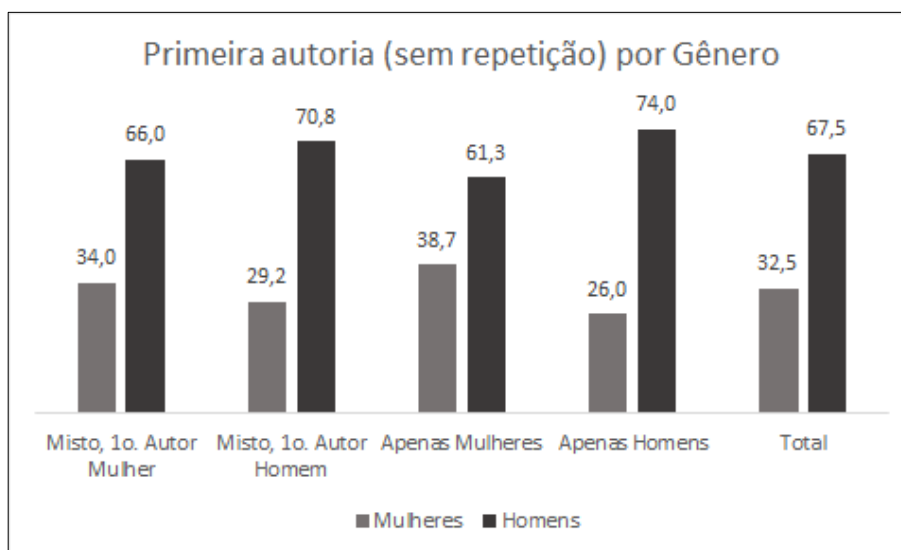


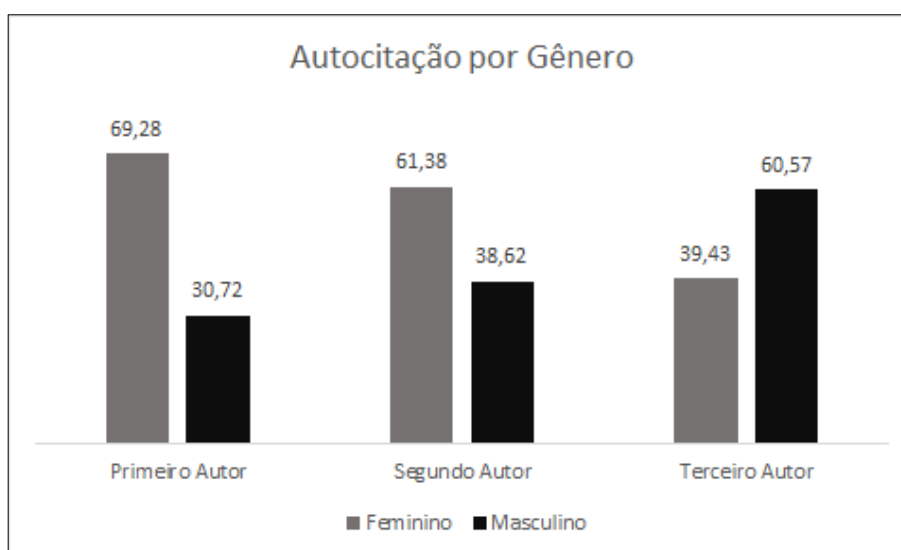
Gráfico 3 - Percentual de citações de mulheres e homens nos quatro grupos de autoria, sem repetição de autores.



A autocitação é um dos elementos que compõem o quadro dos artigos analisados. As autocitações podem ser encaradas como uma busca pela obtenção de prestígio (HUTSON, 2006) e, portanto, averiguar as semelhanças ou diferenças nos padrões dessa prática pode revelar, em parte, estratégias adotadas por mulheres e homens.

Os padrões de autocitação observados entre os textos analisados indicam que as mulheres citam seus próprios trabalhos mais do que os homens quando estão na primeira e na segunda autoria, sendo que, somente na terceira autoria, temos um número maior de homens realizando a citação de seus próprios trabalhos (Gráfico 4). Se reunirmos as autocitações tanto das primeiras autorias quanto das coautorias, ainda há um ligeiro predomínio de autocitações de mulheres (55%), embora a proporção seja bastante próxima ao padrão de autocitação dos homens (45%).

Gráfico 4 - Percentual de referências de autocitação entre mulheres e homens.



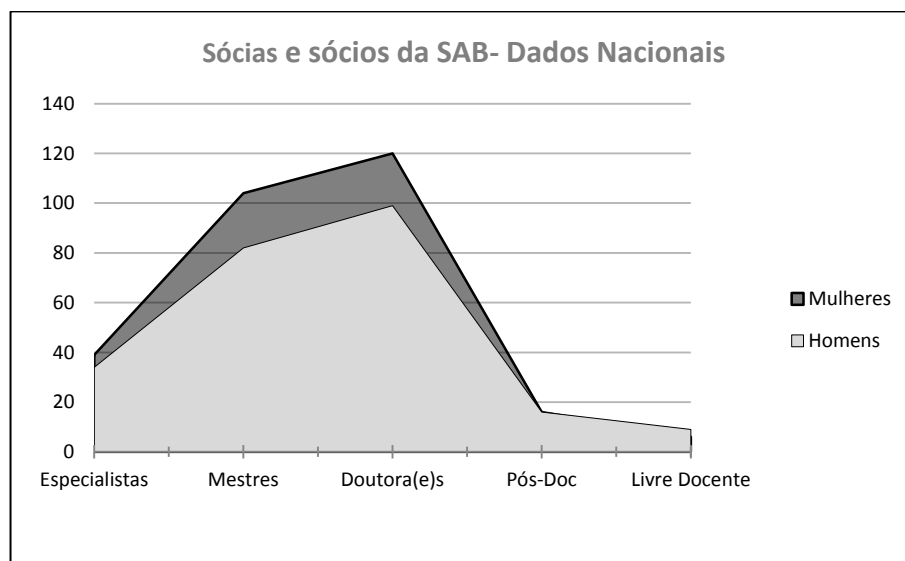
DESVELANDO INIQUIDADES

Os resultados de nossa análise nos levam a formular hipóteses para explicar porque, mesmo havendo maior número de artigos de autoras mulheres, são feitas muito mais citações de homens, o que corresponde a aproximadamente dois terços das citações².

Uma primeira hipótese que poderia explicar essa diferença é a de que há mais homens do que mulheres trabalhando na Amazônia. Entretanto, segundo os números disponíveis de membros da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), há 468 mulheres e 385 homens associados. Quando restringimos a pesquisa especificamente à SAB regional Norte³, verificamos 91 mulheres e 59 homens, confirmando o padrão nacional de que há mais arqueólogas mulheres nos quadros da sociedade⁴. Similarmente, pesquisas amplas sobre o perfil demográfico da arqueologia no exterior têm demonstrado que o número de pesquisadoras mulheres é igual ou superior ao de homens (COBB & CROUCHER, 2016).

A segunda hipótese seria a existência de diferenças significativas na formação de mulheres e homens. Todavia, os dados da SAB demonstram que as mulheres possuem níveis de formação acadêmica semelhantes aos dos homens, excedendo-os numericamente em todas as categorias, com exceção de livres-docentes no quadro nacional e de pós-doutorandos na regional Norte (Gráficos 5 e 6).

Gráfico 5 - Quantidade de mulheres e homens associados à SAB, por formação acadêmica.

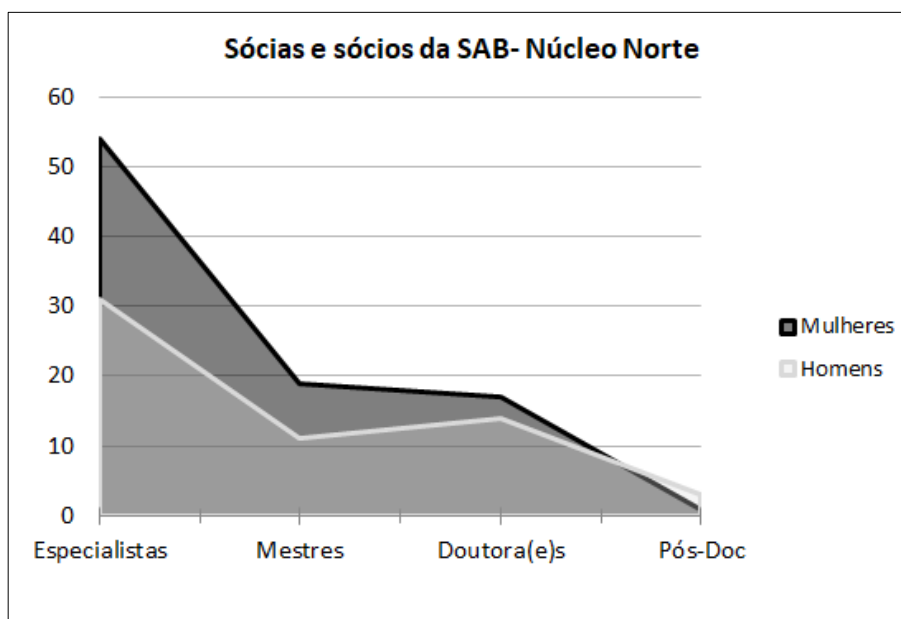


² Como não temos acesso às informações correspondentes a pesquisadoras(es) estrangeiras(os) citadas(os) nos textos analisados, trabalharemos com base na realidade de arqueólogas(os) vinculadas(os) a instituições no Brasil. Para uma comparação inicial com este contexto, apoiamo-nos em referências de trabalhos internacionais que pesquisaram sobre os padrões de publicação e demografia na arqueologia internacional (HUTSON, 2002, 2006; COLWELL-CHANATHAPHONH, 2004; BARDOLPH, 2014; COBB & COUCHER, 2016).

³ Os números totais de associadas e associados da SAB, até o mês de julho de 2017, foram coletados no banco de dados da própria sociedade pela primeira autora, com anuência da diretoria, respeitando a confidencialidade dos dados pessoais.

⁴ Estamos cientes de que esses dados não compreendem todas as pessoas que atuam na arqueologia amazônica, mas acreditamos que eles nos ajudam a vislumbrar a demografia de nossa disciplina.

Gráfico 6 - Quantidade de mulheres e homens associados à SAB - Núcleo Norte, por formação acadêmica.

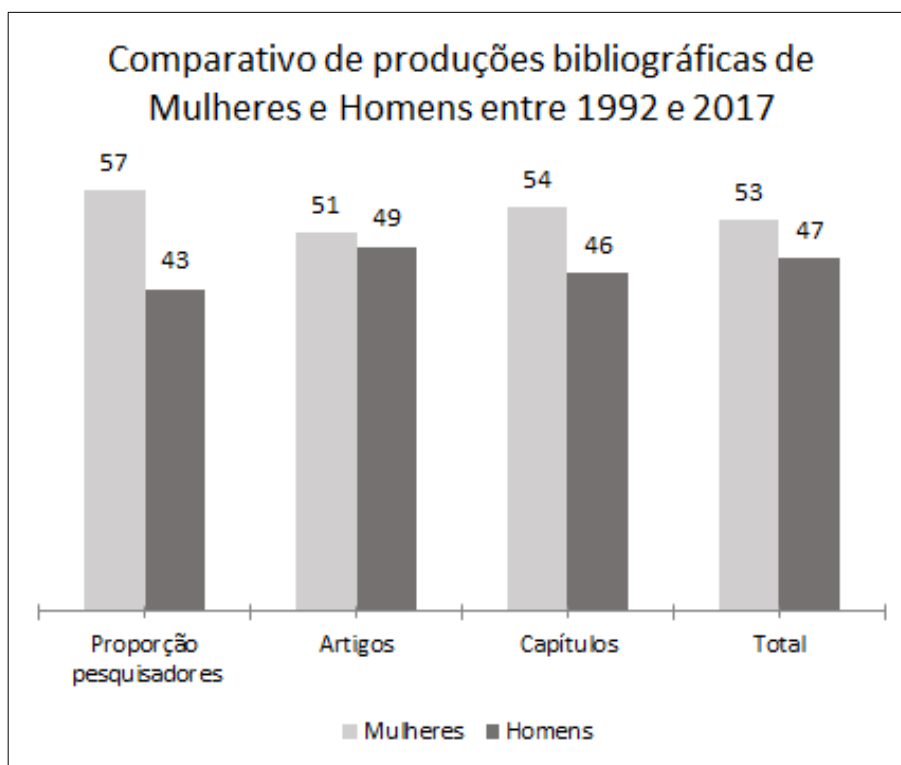


A terceira hipótese aventada, então, é a de que, apesar de estarem em maior número, as mulheres publicariam menos do que os homens. Para medir esse tipo de produtividade de maneira mais precisa, seria necessário realizar, além de uma análise quantitativa, uma análise qualitativa da produção de artigos, capítulos de livro, edições de livro, publicações em anais, etc. Realizamos, no entanto, um exercício quantitativo para embasar nossa discussão, já que esse é o dado considerado pelas agências financiadoras.

O CNPq abre editais de bolsas de produtividade que são oferecidas a pesquisadores com comprovada produção acadêmica. Na Arqueologia, há mais mulheres bolsistas de produtividade do que homens (24 mulheres e 22 homens), mantendo-se a maioria de mulheres entre pesquisadores na Amazônia (6 mulheres e 4 homens).

Para testar se há profundidade temporal na produção bibliográfica de mulheres e homens, realizamos um teste não exaustivo ao verificar a porcentagem de artigos e capítulos de livros de arqueólogas e arqueólogos que trabalham na Amazônia e que possuem vínculo institucional permanente (docentes e pesquisadora(e)s efetivamente contratada(o)s por universidades, museus e institutos de pesquisa brasileiros). Quando verificamos os trabalhos passíveis de citações, produzidos nos últimos 25 anos, houve predominância de trabalhos produzidos por mulheres (Gráfico 7). Essa proporção se mantém mesmo quando analisamos somente os artigos ou capítulos de livros publicados sobre Arqueologia Amazônica.

Gráfico 7 - Comparação de produção entre mulheres e homens com vínculo institucional no Brasil que trabalham na Amazônia, em porcentagem.



Ao que parece, as escolhas da equipe editorial das revistas não têm influenciado negativamente a produção bibliográfica das mulheres, tampouco é possível afirmar que elas estejam submetendo menos artigos para publicação, como tem sido observado em outros países (BARDOLPH, 2014:535). Além disso, não consideramos um possível argumento de que a qualidade da produção das mulheres seria inferior à dos homens, já que a maior parte é publicada em revistas conceituadas com revisão de pares.

Há um senso comum de que as responsabilidades familiares são maiores para as mulheres, propagando uma falsa ideia de que uma carreira acadêmica é incompatível com a criação de uma família. Pelo contrário, há estudos que indicam que mulheres casadas e/ou com filhos publicam tanto quanto ou até mais do que mulheres solteiras ou que não sejam mães (CAMERON, GRAY & WHITE, 2013:7; BRADLEY & DAHL, 1994:189).

Pesquisas sobre a influência da maternidade na vida acadêmica de cientistas brasileiras ainda estão em fase inicial. O que já é possível verificar é que o nascimento e o período de licença-maternidade são acompanhados por uma menor produção bibliográfica (STANISCUASKI, 2017). Entretanto, passada a primeira infância, as mulheres mães voltam ao ritmo de produtividade anterior, como verificamos a partir de uma observação preliminar do currículo lattes de brasileiras mães atuantes na arqueologia amazônica.

Espera-se, portanto, que, independente de ter filhos ou não, tanto a produtividade de mulheres como a de homens siga uma curva normal por idade, com aumento de publicações na mesma proporção do aumento da idade. Assim, em uma interpretação de longo termo, alguns anos com produtividade mais baixa de mulheres em momentos específicos de suas trajetórias de vida não fariam diferença em uma análise que considera a produção do conjunto de mulheres em relação aos homens em um período maior de tempo.

Assim, verificamos se haveria alguma questão geracional influenciando a quantidade de trabalhos publicados e disponíveis para citação (COBB & COUCHER, 2016). Considerando profissionais que trabalham na Amazônia, observamos que, apesar de existirem algumas diferenças por grupo etário, no total essa produção tende a se igualar (Gráficos 8, 9 e 10).

Gráfico 8 - Comparação da produção bibliográfica de Mulheres e Homens, segundo a faixa etária, em porcentagem.

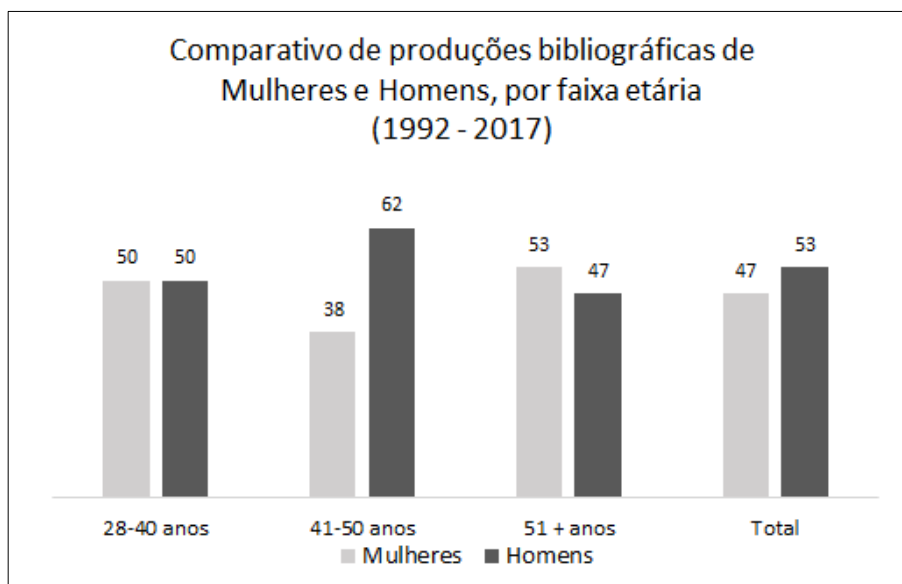


Gráfico 9 - Proporção de arqueólogas que pesquisam na Amazônia, com vínculo institucional, e percentual de artigos e capítulos produzidos, segundo a faixa etária.

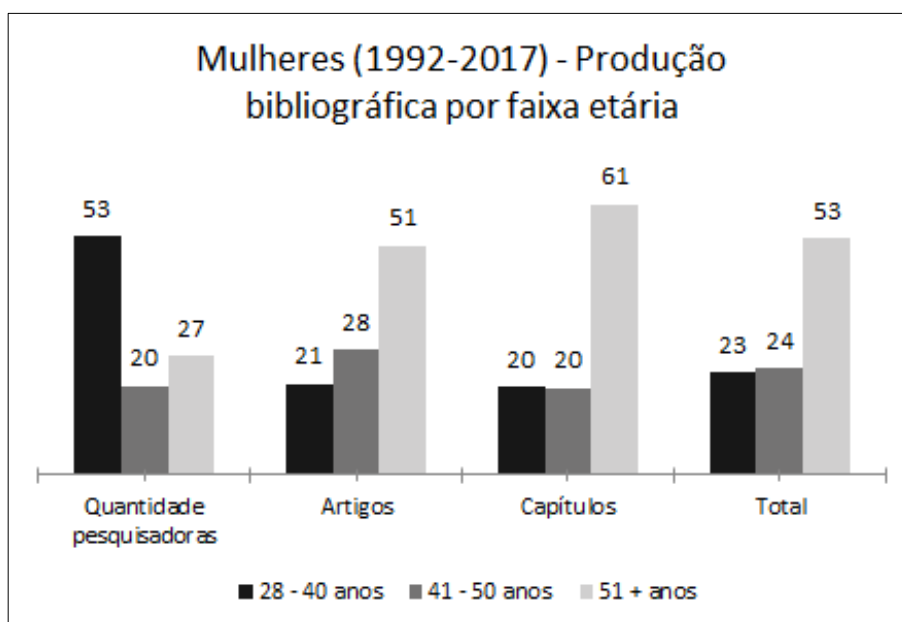
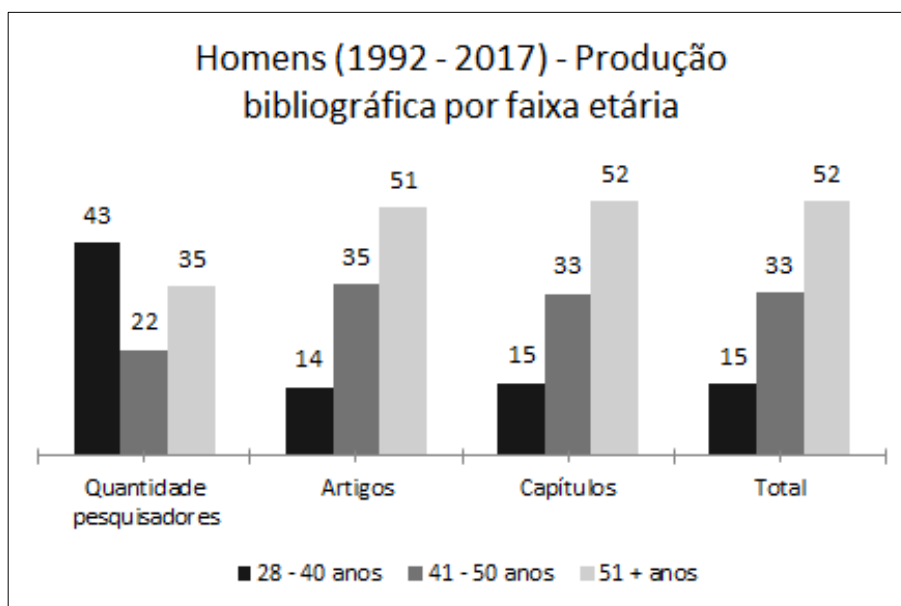


Gráfico 10 - Proporção de arqueólogos que pesquisam na Amazônia, com vínculo institucional, e percentual de artigos e capítulos produzidos, segundo a faixa etária.



Um ponto que chama a atenção nestes gráficos é a queda na produção de trabalhos de mulheres no grupo etário de 41 a 50 anos, que não seria a faixa de idade reprodutiva mais comum para as mulheres. Um fator que poderia influenciar negativamente nessa produção seriam os cargos ocupados dentro de suas instituições. Dana Bardolph (2014:534) aponta que, no contexto estadunidense, as mulheres vinculadas a posições acadêmicas que exigem maior dedicação ao ensino e aos trabalhos burocráticos de administração e coordenação de cursos teriam menos tempo para escrever artigos do que os homens, que poderiam estar em posições menos exigentes em relação a essas outras tarefas.

No caso amazônico, não temos condições de discutir tal desequilíbrio, que exigem uma análise qualitativa baseada em entrevistas de maneira a entender como os períodos em que as mulheres e homens estiveram mais intensamente envolvidos com questões de docência e administração afetaram suas produções.

Uma quarta hipótese, que explicaria a predominância masculina nas citações, é a de que talvez os homens fizessem mais referências aos seus próprios trabalhos do que as mulheres. As análises de autocitação demonstram, no entanto, que este não é o caso, pois parece haver um certo equilíbrio na proporção de autocitação, com ligeiro predomínio de mulheres.

Essa hipótese ainda poderia ser refinada com uma análise expandida do que é autocitação. As referências a orientadoras(es), a colegas da mesma equipe de trabalho ou projeto, e mesmo a colegas de classe poderiam ser consideradas autocitação (HUTSON, 2006:13). Poderia ser feita ainda uma análise detalhada do número de autocitações no corpo do texto e sua proporção com relação às demais citações realizadas na lista de referências bibliográficas. Um grande número de autocitações no corpo do texto parece ser uma estratégia de promoção pessoal, como revela Scott Hutson (2006:15).

Há outras hipóteses que poderiam ser testadas para refletirmos sobre esses dados. Por exemplo, uma análise de citações por subdisciplinas dos artigos poderia revelar uma maior citação de mulheres ou homens em determinadas áreas, mostrando que talvez exista uma divisão sexual do trabalho na arqueologia (p. ex. HUTSON,

2002:335). Outra análise para explicar a predominância de citações de homens nos artigos seria verificar se os textos citados são de áreas em que realmente há predominância de homens publicando, como os textos históricos, de cronistas e outras áreas afins em que isso ocorre.

SEND OUVIDAS E VISTAS

Para refletir um pouco mais sobre a visibilidade das mulheres e suas produções na Arqueologia Amazônica, resolvemos analisar os dados sobre a participação de mulheres e homens nas quatro edições (2008, 2010, 2013 e 2017) do principal congresso desta área, o Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica (EIAA). Esses encontros são particularmente interessantes para inferir sobre o prestígio e acesso a redes de relações acadêmicas de mulheres e homens na Arqueologia Amazônica, pois as pessoas que participam das apresentações de simpósios são convidadas pela(o)s organizadora(e)s do evento e das mesas, não sendo possível a realização de inscrições individuais e espontâneas para a apresentação de trabalhos. Assim, foram reunidos os dados com relação ao gênero das autoras(es) dos trabalhos e conferências, dados estes disponíveis para todas as edições do evento.

É importante mencionar que os simpósios tiveram caráter semelhante nas três primeiras edições do Encontro, com uma mudança na quarta edição, que ocorreu em outubro de 2017. Além do convite direcionado a pesquisadores destacados em suas áreas para participarem de simpósios temáticos, como ocorreu nos eventos anteriores, os simpósios também incorporaram a apresentação de trabalhos recém-concluídos por jovens arqueólogas e arqueólogos, como as teses e dissertações acadêmicas.

Em todos os eventos, houve maior número de convites direcionados a homens para participação nos simpósios temáticos. A proporção entre os gêneros foi de 41% de mulheres e 59% de homens, no EIAA 1, 39% de mulheres e 61% de homens no EIAA 2, 32% de mulheres e 68% de homens no EIAA 3, e 44% de mulheres e 56% de homens no EIAA 4. É interessante notar que, quando os encontros foram organizados exclusivamente por mulheres (EIAA 1 e 4), a proporção de mulheres nos simpósios temáticos foi maior, sendo notável o aumento de mulheres especialmente no EIAA 4.

A partir da segunda edição, conferências magistrais foram incluídas na programação. Na segunda e na terceira edição do evento ocorreram 9 conferências magistrais e, em cada uma das ocasiões, apenas uma mulher foi convidada como conferencista. Já no EIAA 4, vemos uma mudança de perfil, pois cinco conferências magistrais estão programadas, e três delas serão proferidas por mulheres.

CALADAS, SILENCIADAS, ESCONDIDAS: NÃO MAIS! CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES

As análises e levantamentos realizados nessa pesquisa revelam que as seleções de referências bibliográficas identificadas nos artigos e o número de mulheres convidadas a participarem do principal evento de arqueologia da Amazônia não representam de fato a porcentagem de arqueólogas e arqueólogos em atividade, nem a sua produção científica⁵. Embora as mulheres estejam em maior número e produzam mais, os trabalhos escritos por homens são mais citados nos artigos científicos. Os resultados são reflexo de uma dimensão de iniquidade de gêneros na ciência arqueológica, o que mostra um silenciamento das vozes femininas no diálogo científico.

Tal iniquidade é histórica em todas as disciplinas científicas, como podemos observar com base nos dados de publicações armazenados no banco de dados de artigos

⁵ Esse mesmo resultado foi encontrado para países desenvolvidos, como visto por Scott Hutson (2002) e Chip Colwell-Chanthaphonh (2004).

científicos JSTOR: dos 2.8 milhões de artigos publicados entre 1665 e 2010, somente 22% foram escritos por mulheres (BARDOLPH, 2014:535). Esse é um quadro que tem sido alterado nos últimos anos, inclusive na Arqueologia, com o aumento das publicações e participação de mulheres. Entretanto, muito ainda precisa ser feito para que haja mudanças efetivas (CONKEY, 2003). Nesse âmbito inserem-se proposições de criação e reflexão sobre políticas e programas de pesquisa preocupados em promover equidade de gênero, com flexibilidade e respeito aos momentos particulares na vida das mulheres (como a maternidade) (STANISCUASKI, 2017), e que, na mesma medida, também ofereçam suporte e infraestrutura organizacional condizente para a permanência acadêmica das mulheres.

No Brasil, seria necessária uma análise demográfica de arqueólogas(os) desde o início da disciplina no país, para, realmente, termos a percepção da mudança ou não deste quadro. Mesmo que mulheres importantes tenham marcado a arqueologia no país (p. ex. Anette Laming-Emperaire, Niède Guidon) e, particularmente, na Amazônia, nem todas são Betty ou Anna. E mesmo com diversos apontamentos de que, de fato, o número de mulheres arqueólogas vem aumentando com as novas gerações (SCHAAN, 2009; RIBEIRO, 2017), elas ainda não são tão reconhecidas quanto suas precursoras.

Assim como as citações bibliográficas servem para mostrar a iniquidade entre mulheres e homens, salientamos que essas referências podem, também, ser um instrumento efetivo para a mudança deste cenário. Nesse contexto, as próprias mulheres fazem parte dessa estrutura científica machista e cabe, inicialmente, a elas convidar suas colegas e pares a participar desse diálogo público.

Ao tomar consciência de que um artigo é um diálogo em que são convidadas aquelas e aqueles que se consideram detentores de credibilidade em sua fala, tanto mulheres como homens podem escolher dar credibilidade e citar os excelentes trabalhos realizados por mulheres, ao invés de utilizarem majoritariamente referências masculinas. Então, além da reflexão sobre uma estrutura social que pode ser diferente, é preciso, também, continuar a apoiar a promoção de equidade na geração de oportunidades à formação e à produção científica, ao incentivar que as mulheres publiquem artigos completos em periódicos de grande visibilidade, para que possam ser citadas. Ainda, incentivar a participação de mulheres em congressos nacionais e internacionais é de extrema importância, já que elas compõem a maior parte de acadêmicas na Arqueologia Amazônica. É neste tipo de evento científico que é possível estreitar o contato com outras pesquisadoras e pesquisadores, de maneira a tecer uma rede de relações acadêmicas e ampliar o alcance de suas vozes.

Como aponta Denise Schaan (2009:99), nós, como arqueólogas e arqueólogos, “produzimos narrativas sobre nós mesmos, mesmo quando pensamos que estamos supostamente interpretando o outro”. Assim, sem o devido reconhecimento da importância das mulheres para a construção do conhecimento arqueológico, nossas narrativas serão enviesadas, reforçando e legitimando uma visão de mundo majoritariamente androcêntrica e misógina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDOLPH, Dana N. 2014. A Critical Evaluation of Recent Gendered Publishing Trends in American Archaeology. *American Antiquity*, 79(3): 522-540.
- BARRETO, Cristiana N. G. B. 2005. Simbolismo sexual na antiga Amazônia. Revisitando urnas, estatuetas e tangas marajoara. In: DANTAS, M. et al. *Antes: histórias da pré-história*. Catálogo de exposição. Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, pp. 84-129.
- BARSTOW, Anne. 1978. The Uses of Archeology for Women's History: James Mellaart's Work on the Neolithic Goddess at ÇatalHüyük. *Feminist Studies*, College Park, 4(3): 7-18.
- BATTLE-BAPTISTE, Whitney. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek, CA, Left Cost Press.
- BRADLEY, Candice & DAHL, Ulrika. 1994. Productivity and Advancement of Women Archeologists. *Archeological Papers of the American Anthropological Association*, 5: 189-194.
- CAMERON, Elissa Z.; GRAY, Meeghan E. & WHITE, Angela M. 2013. Is publication rate an equal opportunity metric? *Trends in Ecology & Evolution January*, 28(1): 7-8.
- COBB, Hannah & CROUCHER, Karina. 2016. Personal, Political, Pedagogic: Challenging the Binary Bind in Archaeological Teaching, Learning and Fieldwork. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 23(3): 949-969.
- COLETIVO ESTRATIGRAFIA FEMINISTA. 2015. *Zine Machismo e Arqueologia*. São Paulo. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.files.wordpress.com/2015/10/souza-et-al-2015-zine-sobre-o-machismo-e-a-arqueologia.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- COLWELL-CHANTHAPHONH, Chip. 2004. Publishing the past Gender and patterns of authorship in academic and public archaeology journals. *Graduate Journal of Social Science*, 1(1): 117-143.
- CONKEY, Margaret W. 2003. Has Feminism Changed Archaeology? *Signs*, 28(3): 867-880.
- CONKEY, Margaret W. & SPECTOR, Janet D. 1984. Archaeology and the Study of Gender. *Advances in Archaeological Method and Theory*, Cambridge, 7: 1-38.
- GERO, Joan M. 1983. Gender bias in archaeology: a cross-cultural perspective. In: GERO, Joan M.; LACY, David M.; BLAKEY, Michael L. (Ed.). *The socio-politics of archaeology*. Amherst: Dept. of Anthropology, University of Massachusetts, pp. 51-57.
- GERO, Joan M. 1985. Socio-politics and the woman-at-home ideology. *American Antiquity*, 50(2): 342-50.
- GUAPINDAIA, Vera L. C. 2008. Prehistoric funeral practices in the Brazilian Amazon: the Maraca urns. In: SILVERMAN, Helaine & ISBELL, William. 2008. *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, pp. 1005-26.
- HUTSON, Scott R. 2002. Gendered Citation Practices in American Antiquity and Other Archaeology Journals. *American Antiquity*, 67(2): 331-342.
- HUTSON, Scott R. 2006. Self-Citation in Archaeology: Age, Gender, Prestige, and the Self. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 13(1): 1-18.
- IBM SPSS Statistics, version 23: tratamento de dados. 2015. [S.l.]: IBM Corporation.
- MACHADO, Juliana S. 2012. Lugares de Gente: mulheres, plantas e redes de troca no Delta Amazônico. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MICROSOFT Excel for Windows 10: gráficos. 2016. [S.l.]: Microsoft Corporation.
- MORAES, Irislane P. & BEZERRA, Marcia. 2012. Na Beira da Faixa: um estudo de caso sobre o patrimônio arqueológico, as mulheres e as paisagens na Transamazônica. In: SCHAAN, Denise P. (Org.). *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada*. Belém, GK Noronha, pp. 109-134.
- NELSON, Sarah M. 2006. *Handbook of Gender in Archaeology*. Lanham, MD: Altamira Press.
- RIBEIRO, Loredana M. R. 2015. Teorias feministas e gênero na arqueologia brasileira - por que não? Simpósio Temático. In: XVIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira: Arqueologia para quem? *Livro de Resumos*. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- RIBEIRO, Loredana M. R. 2017. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, 30(1): 210-234.

- RIBEIRO, Loredana M. R. et al. 2017. A Saia Justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(3): 1093-1110.
- SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira. 2015. *Código de Ética*. Disponível em: http://www.sabnet.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=623. Acesso em: 27 jul. 2017.
- SCHAAN, Denise P. 2001. Estatuetas Marajoara: o Simbolismo de Identidades de Gênero em uma Sociedade Complexa Amazônica, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, Série Antropologia, 17(2): 23-63.
- SCHAAN, Denise P. 2009. Reflexões de uma arqueóloga e mulher na Amazônia. In: DOMÍNGUEZ, Lourdes et al. (Org.). *Desafios da Arqueologia*. Depoimentos. Erechim: Habilis, v.1: 89-99.
- STANISCUASKI, Fernanda. 2017. *Precisamos falar sobre nossos filhos! Entendendo o impacto da maternidade na carreira científica das mulheres brasileiras*. Palestra. Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências. Disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=37193>. Acesso em: 29 jun. 2017.